

UM ESTUDO SOBRE EVOLUÇÃO DOS MODOS DE CONSTRUIR RIBEIRINHO DA ZONA DO SALGADO PARAENSE:

Aprofundando memórias de habitante das ilhas São João dos Ramos e São Miguel

Beatriz de Figueiredo Chagas

Universidade Federal do Pará-UFPA | b.fig.chagas@gmail.com

Leticia Martel Kuwahara

Universidade Federal do Pará-UFPA | leticiakuwahara9@gmail.com

Luiz de Jesus Dias Silva

Universidade Federal do Pará-UFPA | ljds@ufpa.br

EIXO TEMÁTICO: 3 – História, Memória e Patrimônio

Resumo: Esta pesquisa tem enfoque na arquitetura vernacular praticada em duas comunidades ribeirinhas amazônicas localizadas na Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba, sede municipal de São Caetano de Odivelas, nordeste paraense. As ilhas de São João dos Ramos e São Miguel consistem em povoados vizinhos que se formaram por volta do século XIX, a partir de pescadores que vinham do município de Vigia-PA e ali construíram “barracas” com intuito de abrigar-se durante os dias de trabalho, e aos poucos trouxeram suas famílias, fazendo da região moradia fixa. Segundo Perdigão et. al (2020), uma das características da habitação ribeirinha é a proximidade da casa com o rio e a floresta, aspectos que influenciam no meio construtivo. Nesse sentido, as tipologias de habitação nas comunidades estudadas variam entre casas feitas de varas, amarradas com cipó ou corda, cobertas com palha; casas de pau a pique, e barracas. Buscou-se compreender os modos de construir vernacular e habitar pela visão sensível através da abordagem etnográfica, que segundo Duarte (2010) consiste na inserção do pesquisador no ambiente de estudo, permitindo a participação e entendimento dos hábitos, práticas e traços culturais, ou seja, uma escrita do visto e vivido. Para melhor documentar a cronologia dos processos de adaptação e/ou melhorias nas casas no decorrer do tempo, analisaram-se memórias narradas através de conversas e entrevistas com moradores das duas ilhas. Propõe-se, portanto, refletir e investigar, nas memórias, as causas pelas quais os moradores da ilha São Miguel, mantiveram o método construtivo tradicional, enquanto os moradores de São João dos Ramos, aos poucos, substituíram por alvenaria. Além disso, também detectar o que se manteve mesmo com mudanças do método construtivo e como repercute a idealização de que “a casa boa é feita de tijolos” nas percepções dos habitantes e sobre as habitações tradicionais.

Palavras-chave: Arquitetura vernacular; Memória e identidade; Amazônica paraense.

A STUDY ON THE EVOLUTION OF CONSTRUCTION METHODS OF THE "RIBEIRINHOS" IN THE PARÁ'S "SALGADO" REGION: DEEPENING THE MEMORY OF THE INHABITANTS OF SÃO JOÃO DOS RAMOS ISLAND AND SÃO MIGUEL ISLAND.

Abstract: This research analyzes vernacular architecture in the communities of São João do Ramos and São Miguel, located within the Mocapajuba Marine Extractive Reserve (Pará, Brazil). These settlements, established in the 19th century by fishermen, evolved from temporary shelters into permanent dwellings integrated into the river and rainforest environment. Housing typologies vary between structures made of poles lashed with natural fibers and thatched roofs, wattle and daub houses, and huts. Adopting an ethnographic approach, the study seeks to understand ways of building and dwelling through fieldwork and the "writing of what is seen and lived" (Duarte, 2010). To document the chronology of adaptations and home improvements, memories narrated by residents were analyzed. The central objective is to investigate why São Miguel Island preserved traditional methods while São João dos Ramos gradually replaced them with masonry. Furthermore, it examines the persistence of cultural traits in the face of technical changes and the impact of the idealization that "a good house is made of brick" on how inhabitants perceive their traditional homes.

Keywords: Vernacular architecture; memory and identity; Pará Amazon region.

UN ESTUDIO SOBRE LA EVOLUCIÓN DE LOS MODOS DE CONSTRUIR DE LOS "RIBEIRINHOS" DE LA ZONA DEL SALGADO PARAENSE: PROFUNDIZANDO EM LA MEMORIA DE LOS HABITANTES DE LA ISLA DE SÃO JOÃO DOS RAMOS E ISLA SÃO MIGUEL.

Resumen: Esta investigación analiza la arquitectura vernácula en las comunidades de São João do Ramos y São Miguel, en la Reserva Extractivista Marina Mocapajuba (Pará, Brasil). Estos asentamientos, originados en el siglo XIX por pescadores, evolucionaron de refugios temporales a viviendas permanentes integradas al entorno de río y selva. Las tipologías habitacionales varían entre estructuras de varas amarradas con fibras naturales y techos de paja, casas de bahareque y barracas. A través de un enfoque etnográfico, el estudio busca comprender los modos de construir y habitar mediante la inserción en el campo y la "escritura de lo visto y vivido" (Duarte, 2010). Para documentar la cronología de adaptación y mejoras en las viviendas, se analizaron memorias narradas por los residentes. El objetivo central es investigar por qué la isla de São Miguel preservó los métodos tradicionales, mientras que en São João dos Ramos estos fueron sustituidos paulatinamente por mampostería. Asimismo, se examina la persistencia de rasgos culturales frente al cambio técnico y el impacto de la idealización de que "la casa buena es la de ladrillo" en la percepción de los habitantes sobre sus viviendas tradicionales.

Palabras clave: Arquitectura vernácula; memoria e identidad; Amazonía paraense.

1.INTRODUÇÃO

No conjunto das comunidades que constroem sua territorialidade às margens dos rios amazônicos, o ato de habitar ultrapassa a dimensão estritamente construtiva, constituindo-se como uma prática profundamente entrelaçada à identidade coletiva de seus povos. Em cada uma dessas comunidades, consolidam-se conhecimentos singulares sobre a natureza e sobre os meios de vida próprios da região; saberes transmitidos ao longo de gerações e herdados dos antepassados. Tais conhecimentos tradicionais contribuem de forma decisiva para a conformação de modos de vida específicos, orientando as práticas cotidianas, as relações sociais e as formas de ocupação e uso do território (Menezes, 2021).

É nesse contexto que se insere o presente estudo, que tem como foco duas comunidades ribeirinhas localizadas no nordeste do Pará, na cidade de São Caetano de Odivelas. Inseridas no território da Reserva Extrativista Marinha Mocapajuba, as comunidades da Ilha São João dos Ramos e da Ilha São Miguel constituem-se como comunidades vizinhas que compartilham uma origem histórica semelhante, uma vez que seus processos iniciais de ocupação estiveram vinculados à presença de pescadores artesanais e agricultores familiares. Esses grupos estabeleceram-se no território a partir das atividades extrativistas mencionadas, configurando modos de vida fortemente relacionados ao ambiente costeiro e aos recursos naturais disponíveis.

Figura 1: Mapa



Mapa de localização espacial das ilhas em relação a São Caetano de Odivelas.
Fonte: Autores a partir de imagem satélite do google Earth, 2026.

A partir desse recorte empírico, a pesquisa busca compreender as transformações arquitetônicas ocorridas ao longo do tempo, bem como documentar a cronologia dos processos de adaptação e aprimoramento das habitações, tomando como base as memórias e experiências dos moradores. Nesse sentido, propõe-se refletir sobre as razões pelas quais determinadas características construtivas e espaciais se mantêm, enquanto outras são gradualmente modificadas ou substituídas, evidenciando a relação entre permanências culturais, influências externas e condições socioambientais. Busca-se, ainda, analisar de que modo fatores como a organização comunitária, o acesso a recursos e as dinâmicas territoriais interferem na conformação do ambiente construído, contribuindo para a compreensão das especificidades do habitar ribeirinho em contextos de transformação.

A comunidade de São João dos Ramos teve início a partir do assentamento da área por um homem oriundo do município de Vigia, no estado do Pará, conhecido como Domingos Ramos. Por volta do século XIX, ele se estabeleceu na ilha em razão de sua localização estratégica, favorável ao desenvolvimento das atividades pesqueiras. Com o passar do tempo, Domingos Ramos passou a atrair familiares e amigos para residirem na região, contribuindo para a consolidação do assentamento. À medida que o local se tornou moradia permanente, os então moradores passaram a priorizar a construção de suas habitações em áreas mais elevadas do terreno, onde a influência dos movimentos das marés era reduzida ou inexistente.

4

Nesse processo de fixação territorial, as habitações deixaram de assumir o caráter provisório das barracas¹ de pescadores e passaram a ser edificadas por meio da técnica construtiva do pau a pique, localmente denominada “casa de barro”. Segundo relatos orais dos moradores tal dinâmica foi responsável pela consolidação do processo inicial de assentamento da vila.

Em paralelo, a ilha de São Miguel passou a ser ocupada por indivíduos oriundos de outras localidades, as quais não há registros precisos sobre a origem ou período exato de chegada dos primeiros moradores. Segundo a memória oral dos moradores, inicialmente se estabeleceram na região três famílias com o objetivo de desenvolver atividades agrícolas, especialmente a abertura de roçados², e com o passar do tempo, contudo, houve uma transição para práticas predominantemente extrativistas, com destaque para a mariscagem, em especial a captura de caranguejos.

1 Barracas é a denominação local, popularmente atribuída a habitações construídas em áreas sujeitas à influências das marés, caracterizando-se por serem elevadas em relação ao nível do solo.

2 Roçado é uma área de cultivo agrícola, geralmente de pequena escala, obtida a partir da supressão da vegetação nativa, destinada principalmente à produção de subsistência em contextos rurais e tradicionais.

Tal mudança está diretamente relacionada às características geográficas da região, favoráveis às atividades costeiras, uma vez que os rios que banham as comunidades sofrem influência direta do regime marinho. Durante o período chuvoso, as águas tornam-se predominantemente doces, enquanto no verão assumem maior salinidade, condição que favorece a intensificação das atividades pesqueiras e de mariscagem, relegando a agricultura a um papel secundário, de acordo com conhecimentos advindos do senso comum local.

Como se pode observar, embora as ilhas sejam geograficamente próximas e apresentem processos iniciais de ocupação e assentamento semelhantes, porém o desenvolvimento das formas de habitar e a diversidade das tipologias construtivas ocorreram de maneira distinta em cada comunidade. Na Ilha São João dos Ramos, ao longo do tempo, as habitações em alvenaria tornaram-se predominantes, configurando um processo de substituição gradual das técnicas construtivas tradicionais por sistemas considerados mais duráveis e associados a ideais de modernização. Essa alteração indica uma transformação significativa no modo de construir, influenciada por fatores socioeconômicos, demonstrando uma maior interferência dos parâmetros externos do que seria uma casa boa.

Em contrapartida, na Ilha São Miguel, observa-se a manutenção de uma maior diversidade construtiva, na qual a alvenaria passou a integrar o conjunto de tipologias habitacionais sem, contudo, suplantá-las as técnicas tradicionais. Permanecem em uso, de forma concomitante, as casas de barro (pau a pique), as casas de varas, as habitações de palha e as construções em madeira, evidenciando a continuidade e a adaptação dos saberes construtivos vernaculares às dinâmicas ambientais, sociais e culturais do território.

Buscou-se compreender os modos de construir vernacular e o habitar a partir de uma perspectiva sensível, por meio da abordagem etnográfica, em especial a observação participante, uma vez que uma das autoras é nativa às regiões pesquisadas. Conforme Duarte (2010), a etnografia consiste na inserção do pesquisador no ambiente de estudo, possibilitando não apenas a observação, mas também a participação direta no cotidiano da comunidade, favorecendo o entendimento dos hábitos, práticas e traços culturais que estruturam o modo de vida local.

Nesse sentido, trata-se de uma metodologia que valoriza a experiência do “visto e vivido”, permitindo uma leitura mais aprofundada das relações estabelecidas entre os moradores, o ambiente construído e o território. Para a documentação da cronologia dos processos de adaptação e aprimoramento das habitações ao longo do tempo, foram analisadas memórias narradas por meio de conversas informais e entrevistas semiestruturadas realizadas com os moradores. Esses relatos possibilitaram reconstruir trajetórias construtivas, identificar permanências e transformações nos

modos de construir e habitar, bem como compreender os significados atribuídos às mudanças arquitetônicas a partir da perspectiva dos próprios sujeitos envolvidos.

2. ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DOS SISTEMAS CONSTRUTIVOS VERNACULARES

As primeiras estruturas habitacionais da vila de São João dos Ramos consistiam em abrigos provisórios, semelhantes a barracas, construídos com paus roliços. De acordo com relatos dos próprios moradores, essas estruturas iniciais eram confeccionadas com madeira-branca; contudo, em razão da baixa durabilidade desse material frente às condições ambientais locais, gradualmente passaram a utilizar madeiras de lei, como o acapu e a pupuca³, que apresentavam maior resistência e longevidade. Em contraste, na ilha de São Miguel, as primeiras habitações já se configuravam, em sua maioria, como casas de pau-a-pique, havendo também exemplares construídos predominantemente em madeira, o que indica diferenças iniciais nos processos de ocupação e consolidação das moradias entre as duas comunidades.

Figura 2: estrutura da parede



Parede com estrutura a vista
Fonte autores, 2026

Figura 3: Casa de pau a pique rebocada



Casa de pau a pique onde o reboco caiu
Fonte autores, 2025

A técnica do pau-a-pique, amplamente difundida em São Miguel, exigia um preparo construtivo cuidadoso, iniciado com a seleção e o corte de troncos mais robustos, posteriormente fincados no solo para formar a estrutura principal da edificação. As paredes eram constituídas por achas⁴ de madeira dispostas verticalmente e reforçadas por varas amarradas com cipós, sobre as quais o barro era aplicado como elemento de vedação (figura 2), após a vedação as paredes já secas eram rebocadas (figura 3). A cobertura, por sua vez, era inicialmente executada com palha, passando posteriormente ao uso do cavaco e, em um estágio mais recente, de telhas cerâmicas. A transformação

3 Denominação local popularmente regionais atribuídas às árvores de sapucaia

4 Denominação das tiras de madeira utilizadas na composição estrutural do sistema construtivo em pau a pique.

dos materiais empregados na cobertura revela uma incorporação gradual de novos elementos, sem ruptura imediata com o modo tradicional de construir.

Cabe destacar que a ilha de São Miguel não se caracteriza exclusivamente pela presença de construções em pau-a-pique. Ao contrário, observa-se uma diversidade de tipologias construtivas, que inclui casas edificadas predominantemente em madeira (figura 4), habitações estruturadas com varas finas e roliças cobertas por palha (figura 5), além de alguns exemplares em alvenaria e diferentes variações de barracas (figura 6 e 7). Essa heterogeneidade construtiva evidencia a coexistência de técnicas tradicionais e soluções adaptativas, refletindo tanto a disponibilidade de materiais locais quanto às escolhas culturais e socioeconômicas dos moradores, em continuidade com os processos históricos de ocupação e adaptação ao território descritos anteriormente.

Figura 4: Casa em madeira



Casa estrutura em madeira
Fonte: Autores, 2026

Figura 5: Casa em varas e palha



Casa de com paredes em varas e cobertura em palha
Fontes: Autores, 2025

Figura 6: barraca tipo 1



Barracas referentes as primeiras barracas de São João
Fonte: Autores, 2025 Fontes:

Figura 7: Barraca tipo 2



Barraca que reproduzidas em São Miguel
Autores, 2026

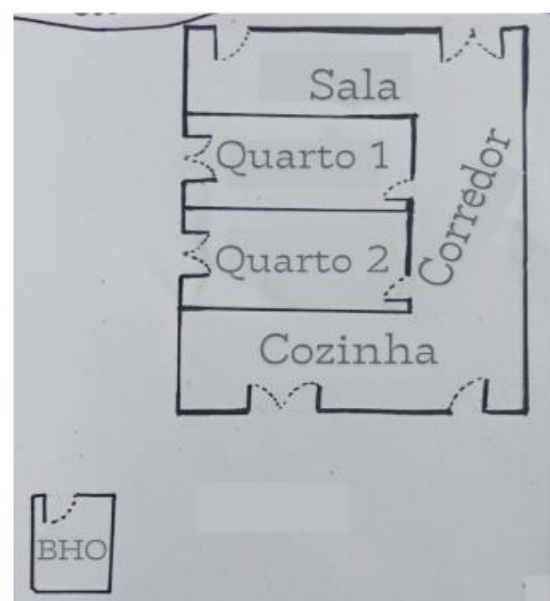
Tal dinâmica corrobora a perspectiva de Menezes (2021), segundo a qual as formas construtivas tradicionais não se limitam a soluções materiais, mas expressam saberes transmitidos coletivamente e profundamente vinculados às condições ambientais e socioculturais do território, mesmo quando ocorre a substituição da tipologia construtiva tradicional por edificações em alvenaria, os hábitos, costumes e práticas associadas ao modo de habitar tendem a permanecer, passando apenas por adaptações.

Nesse sentido, observa-se que, embora os moradores da vila de São João dos Ramos tenham substituído gradualmente as casas de barro por construções em alvenaria, a lógica espacial e a setorização interna das habitações se mantêm semelhantes àqueles presentes nas palafitas e nas moradias tradicionais. Assim, as casas em alvenaria preservam características fundamentais do habitar ribeirinho, como a relação estruturante entre rio, casa e quintal, a presença do jiral⁵ e a clara distinção entre os espaços sociais e íntimos da moradia (figura 8 e 9).

Figura 8: Setorização e exemplo de planta 1 **Figura 9: exemplo de planta 2**



Tipologia 1 de planta baixa de setorização das habitações
Fonte: autores, 2026



Tipologia 2 de planta baixa
Fonte: autores, 2026

Menezes (2021) descreve essas residências a partir das noções de proximidade, continuidade e sucessão, ressaltando que a habitação ultrapassa a função de mero abrigo, configurando-se como expressão dos vínculos estabelecidos entre os moradores e o meio natural. Nesse contexto, as casas dos habitantes de São João dos Ramos organizam-se segundo a sequência rio–varanda–espaço interno–quintal–manguezal, estrutura que orienta a setorização da habitação e evidencia transições bem

⁵ Jiral é uma estrutura elevada, geralmente em madeira, regionalmente conhecida e localmente utilizada para tratar peixe, apoio, armazenamento ou secagem de materiais, com a função de protegê-los da umidade e do contato direto com o solo.

definidas entre os domínios público, semipúblico e privado (figura 8). Dessa forma, ainda que haja mudanças nos materiais e nas técnicas construtivas, observa-se a permanência de padrões espaciais profundamente enraizados nas práticas socioculturais do habitar ribeirinho.

3.DINÂMICAS ESPACIAIS E SOCIOCULTURAIS NA PRODUÇÃO DA HABITAÇÃO INSULAR

Para compreender os motivos pelos quais uma ilha apresenta transformações mais significativas em seus métodos construtivos, enquanto outra preserva práticas tradicionais é necessário considerar sua disposição geográfica em relação a sede municipal de São Caetano de Odivelas. Nesse sentido, Santos (2006) afirma que o espaço geográfico é resultado das relações sociais, sendo constituído por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, o que evidencia que áreas mais integradas aos centros urbanos tendem a incorporar com maior rapidez novas técnicas e referências externas.

Contudo, a ilha de São João dos Ramos, por estar geograficamente mais próxima de São Caetano de Odivelas, apresenta maior circulação de seus habitantes, ampliando o contato com práticas e valores externos. Em contraste, a ilha de São Miguel caracteriza-se por um menor deslocamento espacial, por motivos de distância geográfica. Comunidades tradicionais tendem a manter seus modos de vida quando a relação com o território se dá de forma contínua e pouco mediada por agentes externos, o que contribui para a preservação de técnicas construtivas adaptadas ao ambiente local. Dessa forma, as diferenças observadas entre as ilhas refletem distintos níveis de inserção nos circuitos urbanos e socioculturais.

Entre as décadas de 1940 a 1980, a oferta educacional nas ilhas era limitada, restringindo-se ao ensino fundamental até a quinta série. Tal condição obrigava os moradores que desejavam dar continuidade à educação básica a se deslocarem até o município, e, em alguns casos, até a capital. Observa-se que, nesse período, a maioria dos estudantes que deixaram as ilhas para concluir o ensino secundário era oriunda da ilha de São João dos Ramos, o que indica uma maior inserção dessa comunidade em circuitos sociais externos, assim demonstra que os habitantes dessa ilha tiveram mais interferências de costumes e ideologias externas, em relação a sua comunidade vizinha.

A partir da década de 1970, observa-se o retorno desses indivíduos às vilas de origem, trazendo consigo novas referências culturais e técnicas construtivas assimiladas no contexto urbano. Esse movimento de deslocamento e retorno desempenhou papel fundamental na introdução e posterior difusão das casas de alvenaria na ilha de São João dos Ramos, configurando uma ruptura gradual com as técnicas construtivas tradicionais até então predominantes.

O prolongado contato desses sujeitos com os modos de construir característicos da capital contribuiu para a incorporação de novos valores simbólicos associados à habitação, fortemente influenciados por uma lógica de modernização urbana e pelo imaginário desenvolvimentista. Nesse contexto, difundiu-se a concepção de que a “casa boa” seria aquela edificada em alvenaria, entendimento que passou a ser socialmente compartilhado e reproduzido no interior da comunidade.

Tal concepção desloca o valor da habitação de seus aspectos culturais, ambientais e funcionais para critérios associados à durabilidade material, à estética urbana e ao status social, frequentemente em detrimento das técnicas tradicionais. À medida que a alvenaria se consolida como referência hegemônica de modernidade e progresso, intensifica-se a desvalorização simbólica dos saberes construtivos vernaculares, apesar de sua comprovada adequação às condições ambientais e às práticas socioculturais locais. Tal processo revela a imposição de um modelo construtivo urbano-industrial que tende a invisibilizar e subalternizar conhecimentos tradicionais historicamente consolidados.

Segundo Chica et al. (2023), o chamado *efeito manada* refere-se a um processo de conformidade social no qual indivíduos passam a adotar determinadas ideias, comportamentos ou escolhas a partir da influência de um grupo, independentemente de uma avaliação crítica individual. Nesse sentido, a adesão ao modelo de casa de alvenaria pode ser considerada como efeito manada aplicado a escolhas construtivas, no qual a aceitação coletiva passa a ser parâmetro de normalidade habitacional. Assim, aqueles que não compartilham dessa ideia podem ser socialmente percebidos como retrógrados ou desatualizados em relação ao conjunto da comunidade. Tal dinâmica revela que a valorização de determinados modelos, como a noção de “boa casa”, está frequentemente mais associada a questões simbólicas de status, pertencimento e reconhecimento social do que, propriamente, a critérios objetivos de qualidade construtiva.

Dessa forma, o questionamento é conduzido acerca dos motivos pelos quais o parâmetro de “boa casa” não se difundiu com a mesma intensidade na ilha de São Miguel, ou, quando difundido, não alcançou a mesma abrangência observada na comunidade vizinha. Para além das diferenças espaciais, essa distinção pode ser compreendida a partir de fatores sociais e econômicos, especialmente o grau de coesão comunitária e a capacidade socioeconômica dos moradores. Nesse sentido, Putnam (2000) destaca que comunidades com elevados níveis de capital social, entendido como redes de cooperação, confiança e reciprocidade, tendem a desenvolver ações coletivas mais eficazes.

Na ilha de São João dos Ramos, os laços de coletividade historicamente se mostraram mais sólidos, o que expressou por meio de práticas colaborativas, como os mutirões

para a construção de habitações e a realização de contribuições financeiras coletivas, as chamadas "vaquinhas". Essas ações reforçam o que Silva e Azevedo (2025) apontam como características recorrentes de comunidades tradicionais, nas quais a cooperação e o uso compartilhado de recursos constituem elementos centrais da reprodução social e material. Em contrapartida, na Ilha São Miguel observa-se maior valorização de práticas individuais em relação às construções habitacionais, com menor ocorrência de mutirões ou contribuições comunitárias.

Ademais, a dimensão econômica desempenhou papel decisivo nesse processo, que conforme argumenta Santos (2006), a incorporação de técnicas e objetos modernos no espaço está diretamente relacionada às condições materiais e aos fluxos que conectam os territórios aos circuitos urbanos. No caso da ilha de São Miguel, os custos elevados para o transporte de materiais industrializados, aliados à menor capacidade financeira dos moradores limitaram a adoção desse modelo construtivo, favorecendo a permanência de técnicas tradicionais baseadas em materiais disponíveis no entorno imediato.

Assim, ainda que alguns moradores da ilha de São Miguel associem a ideia de "boa casa" à alvenaria, sua menor difusão na comunidade não pode ser atribuída a um único fator, mas à combinação entre distância socioespacial, restrições econômicas e menor mobilização coletiva. Em contraste, a ilha de São João dos Ramos reuniu condições territoriais, sociais e simbólicas que favoreceram a incorporação e a legitimação da alvenaria como modelo construtivo dominante, relegando as técnicas tradicionais a um plano secundário.

11

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatores de transformação arquitetônica nos territórios pesquisados demonstram que a materialidade apresenta valores simbólicos associados ao desenvolvimento social, político, ambiental e econômico em diferentes sociedades amostrais. Nesse caso, a transgressão de pensamento sobre técnicas e materiais construtivos revelaram o enveredamento dos modos de morar ligados à práticas externas ao ambiente e próximas à dinâmica do capital.

Os processos de modificação arquitetônica prendem-se predominantemente à fatores econômicos, irrelevando condicionantes ambientais e geográficas que os mantiveram até os dias atuais. Nesse sentido, a ilha de São Miguel ainda permanece a partir de práticas construtivas sustentáveis à sua localização e oferta de recursos, o que de fato corresponde a ações basilares, tecnicamente, para a qualidade arquitetônica inserida ao contexto.

Além disso, vale ressaltar que as técnicas construtivas das habitações mencionadas e ilustradas apresentam saberes empíricos, que de acordo com Cezar (2025), seguem critérios de valor criativo, desempenho energético, tecnológico e tradicional. Desse

modo, vislumbra-se o receio, com a troca de técnicas e materiais construtivos, pela perda desses saberes que contribuem para a existência das populações que vivem em áreas sazonalmente vulneráveis.

Entretanto, na ilha de São João dos Ramos evidencia-se práticas de sociabilidade que facilitaram esse movimento de substituição, tanto o intercâmbio sociocultural como o regime coletivo evidenciado pelos mutirões e ajuda financeira para a construção das casas. Assim, instaura-se uma arquitetura popular adaptada a novas variáveis, mas que através da identidade social persevera a arquitetura vernacular em essência.

Nesse ensejo, a questão transcende a salvaguarda integral da memória e do patrimônio para chegar ao cerne da arquitetura popular, que para Weimer (2005) é a expressão autoconstrutiva do povo. Em contrapartida, segundo Dos Santos e Costa (2017) a arquitetura vernacular vem de dinâmicas próprias, a partir de identidades locais que se adaptam no espaço e tempo para construir suas próprias habitações, e nesse sentido são reproduzidas em uma dada localidade para a sua transmissão.

Para além disso, é importante ressaltar a durabilidade dos materiais empregados em cada um dos casos, sendo fator preponderante também na escolha pela alvenaria, tendo em vista o acesso facilitado e a mão de obra abundante no regime comunitário. Ao contrário, a opção que ainda é válida e sustentável aos moradores da ilha São Miguel são as técnicas e materiais mais presentes para aquela localidade em questão.

12

Portanto, vale ressaltar que ainda que haja essa transgressão, a “casa boa” não apenas está relacionada à alvenaria, mas também a tipologia que preserva traços da moradia tradicional, representa esse modo de morar difundido na região, e se enraíza na planta arquitetônica das casas. Além disso, as condições de viabilidade habitacional empreendem uma política coletiva que constitui uma cultura que se adapta às condições materiais contemporâneas, mas permanecem através de hábitos e costumes que ainda assemelham as duas ilhas.

8. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Matheus Silva; SILVA, Luiz de Jesus Dias. **Arquitetura vernacular ribeirinha na Amazônia: um mergulho nas águas que rodeiam as palafitas nas ilhas de Abaetetuba-Pará.** In Anais do Seminário brasileiro de Arquitetura Vernácula Popular: Niterói, RJ, 2024.

CEZAR, Pedro Lucas de Almeida. **Aplicação de técnicas construtivas tradicionais com terra na arquitetura contemporânea.** 2025. 108 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2025.

CHICA, Manuel et al. **The evolution and social cost of herding mentality promote cooperation.** Scientific Reports, London, v. 13, art. 11863, 2023. DOI: 10.1038/s41598-023-39016-0.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** 6. ed. revista e ampliada. São Paulo: Hucitec; NUPAUB/USP, 2008.

DOS SANTOS, Soraia Costa; COSTA, Sílvia Kimo. **Arquitetura vernacular ou popular brasileira: conceitos, aspectos construtivos e identidade cultural local.** Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v. 24, n. 35, p. 218-218, 2017.

DUARTE, C. R. S.; PINHEIRO, Ethel ; BRASILEIRO, Alice ; UGLINE, Paula . **Olhares Possíveis para o Pesquisador em Arquitetura.** Revista Interfaces (UFRJ), v. 16, p. 130-145, 2010.

GODOY, Renata; SILVA, Luiz de Jesus Dia. **O Tangível também pode ser "invisível": reflexões acerca de bens culturais na cidade de Belém.** In: SILVA, Luiz de Jesus et al. Cultura, sociedade e espacialidades na amazônia. Belém: NUMA/UFPA, 2020. p. 105-120. ISBN 978-65-88151-03-7.

MENEZES, Tainá Marçal dos Santos. PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana. **Vila da Barca (Belém Pará): percepções da cultura ribeirinha no habitat amazônico.** In SILVA, Luiz de Jesus Dias da (org.). Percepção do ambiente construído: por mais humanização e arquitetura e urbanismo. Belém, Paka-tatu, 2021.

PERDIGÃO, Ana Klaudia; MENEZES, Tainá Marçal dos Santos; PAIXÃO, Rosineide Trindade; FELISBINO, Danielle de Araújo; OLIVEIRA, Leonice Farias; SILVA, Luiz de Jesus; in et al. **Pesquisa e projeto de arquitetura: qualidades espaciais em foco. Cultura, sociedade e espacialidades na amazônia.** Belém: NUMA/UFPA, 2020. p. 57-71. ISBN 978-65-88151-03-7.

PUTNAM, Robert D. **Bowling alone: the collapse and revival of American community.** New York: Simon & Schuster, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Luiz de Jesus Dias; AZEVEDO, Matheus Silva. **Arquitetura vernacular amazônica: uma etnografia dos saberes e fazeres tradicionais no rio Campompema, ilhas de Abaetetuba-Abaetetuba-PA.** Campina Grande, PB: Revista Arquitetura e Lugar, 2025.